

*Childhood & philosophy* é uma revista que está esperando por nascer pelo menos desde que Sócrates ocupou um lugar singular (pelo menos para nós) na *pólis* do século v a. C. e fundou uma disciplina. A concepção dessa revista se sustenta, muito mais tarde, no providencial encontro histórico entre a educação da infância e a filosofia. Esse encontro, por sua vez, teve que esperar pelas proféticas declarações de Rousseau no *Emílio*, enviadas qual manuscrito posto numa garrafa à revolução iminente e pelo lento desenvolvimento, ao longo dos séculos XIX e XX, de um adulto realmente capaz de ouvir as crianças, senão de escutá-las. Para isso foi necessária a desconstrução romântica de tal adulto (masculino) vivamente esclarecido quem, devemos admitir, fez possível a revolução.

Podemos evitar a especulação politicamente perigosa sobre quem desse par - filosofia ou educação infantil - corresponde ao pai e quem à mãe ao invocarmos o anti-Édipo e a ontologia da diferença, nos quais as possibilidades para a função paterna e materna são múltiplas. Certamente a educação concebida como um veículo de disseminação dos dispositivos modernos para a constituição da subjetividade escavada a nós por Foucault não pode reivindicar direitos de paternidade. A forma de educação assentada no poder disciplinar tem sido largamente inimiga da infância e da filosofia. Por outro lado, filósofos “profissionais” ou “reais” fariam caçoadas típicas à sugestão de que as crianças sejam capazes de filosofar - ou que possam fazer algo remotamente “sério”.

Acreditamos que o interesse para que as crianças façam filosofia é inseparável de uma preocupação com a própria infância. Esta proposição tem como base observação de que muitos adultos - especialmente adultos que ensinam crianças nas escolas e filósofos profissionais - parecem, na maioria dos casos, desconsiderar ou negar a capacidade da criança para pensar filosoficamente. Tal situação complica-se profundamente ainda mais pelo fato de que pensar as crianças fazendo filosofia significa redefinir a própria filosofia. Portanto, não é

suficiente dizer o óbvio - que as crianças não podem fazer filosofia como nós. Pensar a criança fazendo filosofia requer também redefinir a própria infância.

*Childhood & philosophy* procura explorar essas duas redefinições, em seu entrecruzamento. Essa procura é pelo menos uma das dimensões fundamentais do grupo de filósofos e educadores que integram o conselho internacional para a investigação filosófica com crianças (International Council for Philosophical Inquiry with Children). O ICPIC já tem uma longa história, a qual pode ser consultada em [www.icpic.org](http://www.icpic.org).

*Childhood & philosophy* está posta para ser uma de suas muitas vozes e para interagir em harmonia com as notícias e informações que você encontrará nessa página. Para manter vivo o caráter polifônico da organização, decidimos, inicialmente, publicar artigos em até seis línguas. Reconhecemos que esse não é um modo particularmente eficiente de oferecer a revista - traduzindo tudo para o inglês provavelmente, na média, ganharíamos mais leitores por artigos - mas essa prática significa o nosso compromisso, não somente com a integridade de cada parte do trabalho em sua língua materna, mas com nossas esperanças de um crescente multilinguismo em geral, que é uma metáfora (ou, de fato, um índice) de um aumento nesse poliperspectivismo, que consideramos ser uma expectativa de um repensar da infância e da filosofia.

No presente número, v. 11, n. 21, publicamos um dossiê especial sobre a novela filosófica com crianças, e três artigos: um em inglês, um em francês e um em castelhano.

Esperamos que desfrute da variada coleção de textos, se sinta encorajado/a a submeter artigos, incluindo compilações de filósofos e/ou educadores, relatos, mostras de currículos, resenhas, relatórios de projetos atuais, poesia e arte.

Bem-vindo à *childhood & philosophy*!

david kennedy - walter o. kohan  
montclair - rio de janeiro



*editors' welcome*

*Childhood and philosophy* is a journal which has been waiting to be born at least since Socrates sat down in the unique (at least for us) shelter of the 5<sup>th</sup> century bc polis and founded a discipline. The journal's conception lies much, much later, in the fateful historical meeting between childhood education and philosophy. This meeting, in turn, had to wait for Rousseau's mantic pronouncements of the *Emile*, sent like a letter in a bottle to the approaching revolution, and for the slow development, over the course of the 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries, of a kind of adult actually capable of listening to children, much less of hearing them. This, in turn, required the romantic deconstruction of that very enlightened (male) adult whom, we must admit, made revolution possible.

We can avoid the politically dangerous speculation as to which of this pair—philosophy or childhood education—was the father and which the mother by invoking anti-oedipus and the ontology of difference, in which the possibilities for paternal and maternal work multiply. Certainly education conceived as a vehicle of dissemination of the modern devices for the constitution of subjectivity excavated for us by Foucault cannot claim paternity rights. The form of education spawned by disciplinary power has long been an enemy of childhood *and* philosophy. On the other hand, “professional” or “real” philosophers typically scoff at the suggestion that children are capable of philosophizing, much less doing anything else remotely “serious.”

We believe that a concern with children doing philosophy is inseparable from a preoccupation with childhood itself. This gets its basis from the observation that many adults—and especially both adults who teach children in schools and professional philosophers—seem in most cases either to overlook or to flatly deny children's capacity to think philosophically. This is profoundly complicated by the fact that to think children doing philosophy is to redefine philosophy itself. Therefore it is not enough to say the obvious—that children cannot do philosophy

as we do. To think children doing philosophy asks for a redefinition of childhood itself.

It is both of these redefinitions, caught in chiasmic relation, which this journal seeks to explore. And this exploration is at least one fundamental dimension of the group of philosophers and educators who make up the international council for philosophical inquiry with children. ICPIC already has a long history, which is a click away, at [www.icpic.org](http://www.icpic.org). *Childhood and philosophy* is designed to be one of its many voices, and to act in concert with the news and information you will find on its website. In keeping with the lively polyvocal character of the organization, we have decided to post/publish papers in at least six languages. We recognize that this is not a particularly efficient way to deliver the journal—translating everything into english would probably, on the average, gather more readers per article—but this practice signifies our commitment, not only to the integrity of each piece of work in its mother tongue, but to our hopes for an increasing multilingualism in general, which is a metaphor (or in fact an index) of an increase in that polyperspectivalism which we consider to be the hope of rethinking childhood and philosophy.

In the present issue, v. 11, n. 21, a Special Issue on the Philosophical Novel for Children and three papers (one in English, another in French and another in Spanish) are published. We hope that you will enjoy this rich mix of papers, and that you will feel encouraged to submit articles, whether in English or your mother tongue, including compilations from philosophers and/or educators, transcripts, curriculum samples, book reviews, reports on current projects, poetry and art.

Welcome to childhood and philosophy!

david kennedy - walter o. kohan  
montclair - rio de janeiro



*bienvenida de los editores*

*Childhood & philosophy* es una revista que espera nacer por lo menos desde que Sócrates ocupó un lugar singular (al menos para nosotros) en la *pólis* del siglo V a.c. y fundó una disciplina. La concepción de esta revista se alimenta, mucho más tarde, del encuentro histórico y providencial entre la educación de la infancia y la filosofía. Ese encuentro, por su parte, tuvo que esperar a las proféticas declaraciones de Rousseau en el *Emilio*, enviadas como un manuscrito en una botella de vidrio a la inminente revolución y también por el lento desarrollo, a lo largo de los siglos XIX e XX, de un tipo de adulto realmente capaz de oír a los niños, ya que no de escucharlos. Para eso fue necesaria la deconstrucción romántica de un tal adulto (masculino) vivamente esclarecido quien, debemos admitirlo, hizo posible la revolución.

Podemos evitar la especulación políticamente peligrosa sobre cuál de los dos en esa pareja - filosofía o educación de la infancia - sería el padre y cuál la madre, si evocamos el anti-Edipo y la ontología de la diferencia, en los cuales las posibilidades para la función paterna y materna son múltiples. Ciertamente la educación concebida como un vehículo de diseminación de los dispositivos modernos para la constitución de la subjetividad excavada para nosotros por Foucault no puede reivindicar derechos de paternidad: la educación asentada en el poder disciplinar ha sido intensamente enemiga de la infancia y de la filosofía. Por otro lado, filósofos "profesionales" o "de carne y hueso" acostumbran cerrar los ojos ante la posibilidad de que los niños sean capaces de filosofar  $\frac{3}{4}$  ni siquiera de que puedan hacer algo remotamente "serio".

Consideramos que el interés para que los niños hagan filosofía está unido a una preocupación con la propia infancia. Esta afirmación tiene como base la observación de que muchos adultos - especialmente aquellos adultos que enseñan a los niños en escuelas e aun los filósofos profesionales - parecen, en la mayoría de los casos, desconsiderar o negar la capacidad de un niño para pensar filosóficamente. Tal situación se complica mucho más profundamente aún por el

hecho de que pensar un niñ@s haciendo filosofía significa repensar la propia filosofía. Por lo tanto, no es suficiente decir lo obvio - que l@s niñ@s no pueden hacer filosofía como nosotros. Pensar un niño haciendo filosofía requiere también repensar la propia infancia.

*Childhood & philosophy* busca explorar esas dos tareas, consideradas en sus cruces e intersecciones. Esa búsqueda es al menos una de las dimensiones fundamentales del grupo de filósofos y educadores que integran el consejo internacional para la investigación filosófica con niñ@s (International Council for Philosophical Inquiry with Children). El ICPIC ya tiene una larga historia (que puede ser visitada en [www.icpic.org](http://www.icpic.org)). *Childhood & philosophy* va a ser una de sus múltiples voces y va a interactuar con las otras. Para mantener vivo el carácter polifónico de la organización, decidimos, inicialmente, publicar artículos en seis idiomas. Reconocemos que este no es un modo particularmente eficiente de ofrecer la revista - traduciendo todo al inglés probablemente tendríamos un promedio bastante superior de lectores por artículo -, pero esa práctica significa nuestro compromiso, no sólo con el sentido y significado de poder expresarse en la lengua materna, sino con la esperanza de un creciente multilinguismo en general, una especie de metáfora (o, de hecho, un indicador) de un número cada vez mayor de perspectivas que puedan surgir al repensar la infancia y la filosofía.

En el presente número, v. 11, n. 21, publicamos un dossier especial sobre la novela filosófica para niñas y niños, y tres artículos, uno en inglés, otro en francés y otro en castellano. Esperamos que disfrute esta variada colección de textos, estimado lector, que nos envíe sus propios textos, en inglés, o en su lengua materna, incluyendo compilaciones de filósofos y/o educadores, relatos de experiencias, reseñas, informes de proyectos, poesía y arte.

¡Bienvenid@ a childhood & philosophy!

david kennedy - walter o. kohan  
upper montclair - río de janeiro